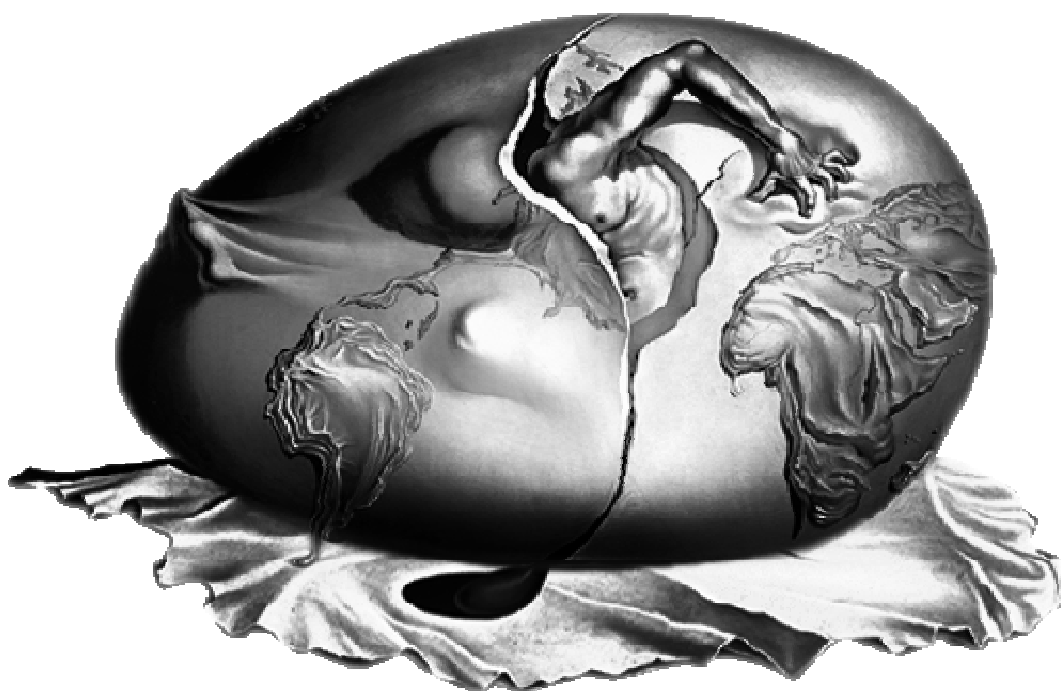


BOLETIM ***PRESENÇA***

ANO II, nº 05, 1995



UNIR

RAZÃO E DESRAZÃO

Alberto Lins Caldas

Resumo

O século XX enriqueceu monstruosamente esse legado científico simples, normalmente indutivo, filosoficamente positivista, sem a certeza absoluta no seu poder, mesmo e apesar de crises e revoluções. A Razão capitalista tornou-se sólida, ousada, redutiva, cheia de imaginações vazias como periferia de uma razão operativa, industrial, devoradora e clonizante. Um centro completamente entregue à produção, ao consumo, à proteção e desenvolvimento do núcleo do modo de produção e de uma exterioridade ideológica justificadora, pensando filosoficamente a Razão científica com beleza e pura criação. O século onde convive a fera nazista, a fera norte americana, Hiroxima e o extermínio de povos e inocências, nazismo/socialismo e democracia, como aspectos de uma única face do capital. A Ciência é, ao mesmo tempo, cortina de fumaça e motor do capitalismo. Motor já um tanto inútil porque ninguém precisa mais de pesadas ideologias para desejar de "corpo e alma" afundar-se no consumo desbragado.

Palavras-Chave: Consumo, Corpo e Alma.

Abstract

The century XX enriched monstruosamente that simple scientific legacy, usually inductive, philosophically positivista, without the absolute certainty in your power, same and in spite of crises and revolutions. The capitalist Reason became solid, daring, redutiva, full of empty imaginations as periphery of a reason operative, industrial, devouring and clonizante. A center completely he/she given to the production, to the consumption, to the protection and development of the nucleus in the production way and of an exterioridade ideological justificadora, thinking the scientific Reason philosophically with beauty and pure creation. The century where the Nazi wild animal, the American north wild animal, Hiroxima and the extermination of people and innocences, nazismo/socialismo and democracy, lives together as aspects of an only face of the capital. The Science is, at the same time, smoke screen and motor of the capitalism. Motor already an useless amount because nobody heavier necessary ideologies to want of " body and soul " to sink in the unchained consumption.

Words-key: Consumption, Body and Soul.

I

Qual a essência da Razão ocidental? Qual sua forma, sua função? Por que sempre a impressão que é algo maior que o homem e sua sociedade? Por que tanta força e tanta "pureza"? Do que se alimenta?

A Razão que aqui nos interessa começa a nascer no século XV. Não é um nascimento nem imediato nem sem raízes. Mas se uma delas é grega, esquece a Paidéia, trás somente a essa nova Razão o Apolíneo, o geometrizable; outra é mais antiga, oriental, deixa-nos um leve ranço de maniqueísmo; outra, Árabe, a pobre objetividade Aristotélica; mais uma, Cristã e neo-platônica, lega-nos contradições que serão logo esquecidas, mas que marcará profundamente o aparecer desta Razão. Estas são as principais raízes teóricas.

Raízes concretas temos as raízes que vão ao século XI, nasceu com o desabrochar das cidades; o desenvolvimentos das feiras, o ratuínio surgimento dos agiotas e do dinheiro, de uma iberme mas insatisfeita classe de mercadores, comerciantes e banqueiros, fundamento do nosso modo-de-ser. Com seu inusitado desenvolvimento e expansão, rompendo os espaços exteriores e interiores, mesclando conhecimentos, sociedades, mercadorias, criava aos poucos uma estranha sociedade dentro do "universo feudal", imperceptivelmente dissolvendo-o para dentro de si, criando gradativamente, às vezes de repente, nova maneira de ser e de estar, de desejar e de pensar, refundindo o mundo e a interioridade à sua imagem.

A expansão das feiras, do comércio, o enriquecimento, a insipiente produção, a busca por novos mercados e mercadorias, fundando a união de saberes em torno da tecnologia, seja para navegar melhor, plantar e arar com mais eficiência, seja para tingir roupas, ou trazer em segurança especiarias de lugares mágicos e rendosos.

A Europa começa a nascer. A Filosofia a pensar a necessária separação entre os poderes temporal e espiritual, o homem da natureza, o pensar do experimentar, o viver do sonhar. Começa a soltar todas as âncoras

e amarras para melhor vender e se vender. Se as "âncoras" eram injustas, a Razão para arranca-las e destruí-las não se fundava nem se funda num melhor humano, mas na capacidade ilimitada da venalidade e seu poder interior de mover o homem ao seu encontro e desenvolvimento, tornando-se ela nossa essência "intransponível", nosso horizonte "inescapável", maneira de ser que se enraiza "longe demais" para termos consciência e poder sobre ela.

Se tudo isso acontece, e muito mais e com maior complexidade, entre os séculos XI e XV, nos séculos XVI, XVII e XVIII onde tomará corpo e espírito. Nasce um tipo de conhecimento novo, a Ciência, que só consegue pensar o mundo através de matemática experiência, de objetiva construção. Já não respeita o simples pensar. Nem o ver e o sentir. As individualidades e singularidades do mundo a faz rir: só interessa o que pode ser provado, transformado em lei, que seja útil e objetivo: o sonho já nasce dentro da jaula. Técnica e tecnologia, junto ao humilde conhecimento que sempre os acompanhou, são anexados e daí por diante não se separaram mais. A Ciência tornou-se um tipo de Razão prática, que tanto explicava as luas de Júpiter, quanto criava novas máquinas, novas filosofias, novas percepções do mundo. O centro havia se deslocado do espiritual, do pensamento, do metafísico e também de um tipo moroso de produção e sociedade, para uma razão objetiva, gulosa, prepotente, universal, com produção e consumo cada vez mais vertiginosos.

Era a Razão da Burguesia, mas essa Razão jamais aceitou-se desta maneira. Sua universabilidade, certeza e objetividade tornará esse novo conhecimento, essa nova Razão e esse novo sentir, os únicos verdadeiros. Para sustentá-la estava a nascente indústria, o comércio, as matemáticas, classes, um modo de produção em absoluto desenvolvimento e estabelecimento. A Ciência é o pensar desse modo de produção. Todas as suas manifestações são fundamentadas na realidade do capital. Como o capital tornou-se "absoluto", absoluto também, seu modo de pensar, seu tipo de razão.

Só o século XIX pôde descansar em paz. Nele a ciência era tudo. Era Ética e Estética, a única via para estabelecer o conhecimento, para descobrir o

mundo e para criá-lo. Nasce definitivamente a Natureza, a Europa, o resto do mundo, a Razão, a Ciência, a individualidade angustiada-por-nada e em si mesma tendo origem e fim. A Burguesia, forte o suficiente para esmagar os inimigos e aos poucos absorver discordâncias, estabelece, junto com sua sociedade, seu tipo de razão.

O século XX enriqueceu monstruosamente esse legado científico simples, normalmente indutivo, filosoficamente positivista, sem a certeza absoluta no seu poder, mesmo e apesar de crises e revoluções. A Razão capitalista tornou-se sólida, ousada, redutiva, cheia de imaginações vazias como periferia de uma razão operativa, industrial, devoradora e clonizante. Um centro completamente entregue à produção, ao consumo, à proteção e desenvolvimento do núcleo do modo de produção e de uma exterioridade ideológica justificadora, pensando filosoficamente a Razão científica com beleza e pura criação. O século onde convive a fera nazista, a fera norte americana, Hiroxima e o extermínio de povos e inocências, nazismo/socialismo e democracia, como aspectos de uma única face do capital.

A Ciência é, ao mesmo tempo, cortina de fumaça e motor do capitalismo. Motor já um tanto inútil porque ninguém precisa mais de pesadas ideologias para desejar de "corpo e alma" afundar-se no consumo desbragado.

A nossa Razão, com tanta tradição nas costas, é hoje um saco de gatos, um nó, um sistema que carrega todas as contradições do capitalismo, claramente sem poder esconder ou negar sua função social básica: instituição ideológica racional e razão tecnológica do modo de produção. Defender a ciência é ser ingênuo ou ideólogo, o que no fundo dá no mesmo.

II

Além da razão temos que pensar a desrazão, o irracional. Para o estabelecimento do "apolíneo", o "dionisíaco" sempre foi desmoralizado, afastado, animalizado em suas funções. Isto é, mantido a distância, sem poder ser destruído. Mas o "apolíneo" é razão geométrica, do poder intelectual apesar da escravidão greco-romana, apesar dos servos e dos proletários. É

maneira e espírito do ordenado, do puro, do conexo, do não-contraditório. A carnavalização "dionisíaca" ficou restrita a momentos específicos ou a ser objeto-singular de estudo, ainda desincorporado da Razão.

A Razão científica é o "apolínio" do capitalismo. Mas entre a Razão grega e a Razão do capital existe um imenso fôssco, uma descontinuidade e uma estranha continuidade, por excesso e falta, um exclusivismo sobre o visível em detrimento do invisível, do corpo em detrimento da alma, da Paidéia destroçada alimentando mecânicamente uma educação para-o-trabalho, para os "encarceramentos" necessários à produção, distribuição e proteção do capital. Não é mais uma classe que é protegida, mas o "mistério" que a faz ser dominante e universal. A universalidade da Razão é a universalidade do capital como bloco social. Sem essa base não haveria a Razão científica com suas configurações e deslimites. Mas um limite intransponível é a transformação de partes de si mesma em objetos-a-serem-estudados, em exterioridades; outro, é não poder-se ligar concretamente ao mundo, fica sempre como um "espírito" universal de compreensão, criação e descobertas.

A "moldura" e a dialeticidade que criam a estrutura, que capacitam o sentido, foram perdidas em nome de um relativismo vazio, desmontando, desta maneira, a singularidade. O universal da Razão capitalista é a destruição ou alargamento infinito da "moldura" da singularidade, esvaziando-a. Agora não só a "moldura" é ilimitada, o "conteúdo" também tornou-se clone de outros "conteúdos", e o "desejo" algo externo a esse pretense "conteúdo", sendo ele o próprio capital.

Tradicionalmente chama-se de irracional não os monstros soltos da Razão, mas algo inominado, desregrado, totalitário e mal. O irracional seria as forças primitivas, animais, agressivas que a Razão luta contra: o Santo Guerreiro contra o Dragão: o Bem contra o Mal. A culpa de todo o Mal não cabe à Razão. Qualquer disfunção, monstruosidade ou dissolução é culpa de forças irracionais, do irracional que mata a Razão. Todos os filósofos lutam a favor da Razão, todos a protegem "como uma mãe protege, num campo de concentração, um filho nascido escondido, e que, antes de ir morrer, entrega-o aos que vão ficar". A Razão é preciosa: iluminação e salva vidas.

Além desse "fundo primitivo" o irracional é associado à "movimentos" e "modos de ser" das sociedades. Esse sociologismo esconde principalmente o irracional como expressão viva das sociedades de classe e do capital como campo de força deformador: a Razão no capitalismo é o "reflexo burro" do capital: sua impotência definitiva contra o capital a faz ter sonhos de destruição incapazes de acordar, de transformar o homem em "autor da história".

Unir a razão e a desrazão, estranha síntese, é o primeiro passo para compreender a Razão. Não existe o irracional, ele é tão somente estruturas e elementos expurgados da Razão ocidental. Sem esse expurgo, sem um inimigo a combater e a justificar sua ação, sem objetificar para o estudo, a Razão seria, além de hegemônica, o que nunca aconteceu, incompatível com sua maneira de existir. As contradições bem-mal, Razão-desrazão, objetivo-subjetivo, criação-descoberta, homem-natureza, são contradições racionais que lançam suas raízes no próprio núcleo produtivo.

A "luta contra o irracional", que arregimenta todos os intelectuais, dando-lhes uma aura de Santo Guerreiro, de certeza num novo mundo, limpando suas mãos das faces da politicidade, é, no fundo, uma defesa enviesada do capital: a Razão defendida é a Razão do capital. Ser contra essa Razão seria perder a aura e o "prestígio" da cientificidade, seria perder os fundamentos filosóficos que norteiam o pensamento ocidental, seria perder principalmente ouvintes e consumidores para suas idéias: o intelectual é o palhaço que conta as mesmas piadas sempre com uma "nova" roupagem: o riso que produzem é sempre a satisfação do já esperado. O vazio seria insuportável. O intelectual não sabe viver na corda bamba, não sabe ver enquanto criação revolucionária: sem erudição o intelectual transforma sua certeza e sua força em puro horror. Sem as muletas da Ciência, da Razão, da Filosofia, que o tornam vítima do presente e das ilusões de uma politicidade superficial, o intelectual teria que enfrentar a loucura e a inutilidade: seu "objeto-não-mais-na-frente" nem obviamente erudito, escapar-lhe-ia por entre os dedos.

Sem apoios "reais", como a "experiência", a ciência não poderia nem se constituir nem unir a tecnologia à filosofia, um fazer com um pensar, tornando-se sistema ao mesmo tempo construtivo, interpretativo, e justificador,

descarnando tanto o conhecimento tradicional da tecnologia quanto o saber filosófico que iniciou o nascimento teórico da ciência durante os primeiros séculos da burguesia.

O núcleo produtivo, em franca expansão, não poderia justificar-se com filosofias especulativas, nem saberes regionais e lentos. A síntese entre os aspectos filosóficos pragmáticos e os mais avançados modos de produzir tecnologia, teorias e negatividades ao feudalismo, foram gerando aos poucos um sistema unitário, fundamental à produção de capital em todas as suas formas históricas.

Mas se hoje podemos ver realmente o que foi e é a Ciência, é porque o capital já a tornou completamente Razão tecnológica de produção, sem mais necessitar dos floreios éticos do século XIX, nem as justificativas dedutivas do século XX. A Ciência não precisa mais ser uma "filosofia", um sistema teórico que atraia por suas dimensões humanas exemplares. O capital não precisa de mais nada para expandir-se e desenvolver-se. Aqueles que ainda defendem a ciência, são capachos-jurássicos que não conseguem enxergar quanto a própria Ciência não precisa mais de defesa. A face irracional da Ciência tornou-se patente e sem saída. Todos os irracionalismos são apenas faces do capital, apresentando-se subjetivamente como Razão. A própria Razão, em sua defesa, usa o irracionalismo, tornando os dois elementos pura metafísica. O irracionalismo que sempre foi antítese da Razão, é parte da Razão enquanto expressão do capital, é a própria sociedade do capital. Não é o irracionalismo que deverá incorporar-se naturalmente a uma nova razão integral.

A segurança do capital, sua camaleônica capacidade absoritiva dá-se por, historicamente, ele ter se deslocado do "econômico" como imposição, para um "mental" como condição subjetiva da produção, tornando-se ele mesmo condição de si próprio: todos protegem o capital por ele ter se confundido com a satisfação básica das necessidades e desejos, ao mesmo tempo em que não só cria infinitamente novas necessidades, mas sempre as satisfaz, tornando-se concretamente a sua ideologia. O capital tornou-se "absoluto" e "indestrutível" porque seu coração já não está no peito, mas na

carne de todos os trabalhadores, consumidores e parasitas do planeta: o capital tornou-se a única alma do homem, a sua mais íntima realização.

As "condições subjetivas da produção" tornaram-se "condições objetivas da produção". Todos defendem, queiram ou não, a lógica, a Razão, o modo de ser proporcionado apenas pela produção de capital. O ser do capital já não é "econômico", mas "individual", parte fundamental da vida, do cotidiano, do sonho, do desejo e da carne: esse o seu estranho poder.

Toda negação-radical-ao-capital ensina aos seus protetores, reprodutores e organizadores, meios de defesa e desenvolvimento a partir desta mesma negação, reformulada para estirpar qualquer aspecto realmente nocivo e perigoso. Esta negação com o tempo começa a fazer parte da estrutura de produção, seja como elemento concreto, seja como subjetividade retrabalhada, ou como "idéia vencida", que não pode mais, por não ser científica, racional ou realizável, travar a exploração coagulada e suas ramificações. Seu destino como idéia é ser ensinada como arsenal da "História das Idéias" ou transformada em "Fato Histórico" com um brilhante destino nos livros didáticos.

Por isso um perigo instala-se. Quem garante que a "nova" razão, a "nova" integralidade, a "nova" história, o "campo unificado" como práxis, não sejam necessidades irônicas desse mesmo capital, dessa mesma sociedade capitalista que, em teoria, seria a meta a destruir? Talvez o capital esteja precisando de uma "nova Ciência", uma "nova Filosofia". Quem nos garante que poderemos matar o monstro e não apenas responder aos seus imperceptíveis apelos? Em vez de matá-lo somente fazer-lhe indizíveis carinhos maternos.

*** Prof^º Ms.do Dep. de História (UNIR)**

Cood. do Centro do Imaginário Social